



imagem espaço imagem

um devir através de visualizações

e materializações

imagem espaço imagem

um devir através de visualizações e materializações

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ

Laura Curvão

Orientadores: Gustavo Racca e Rubens de Andrade

2021

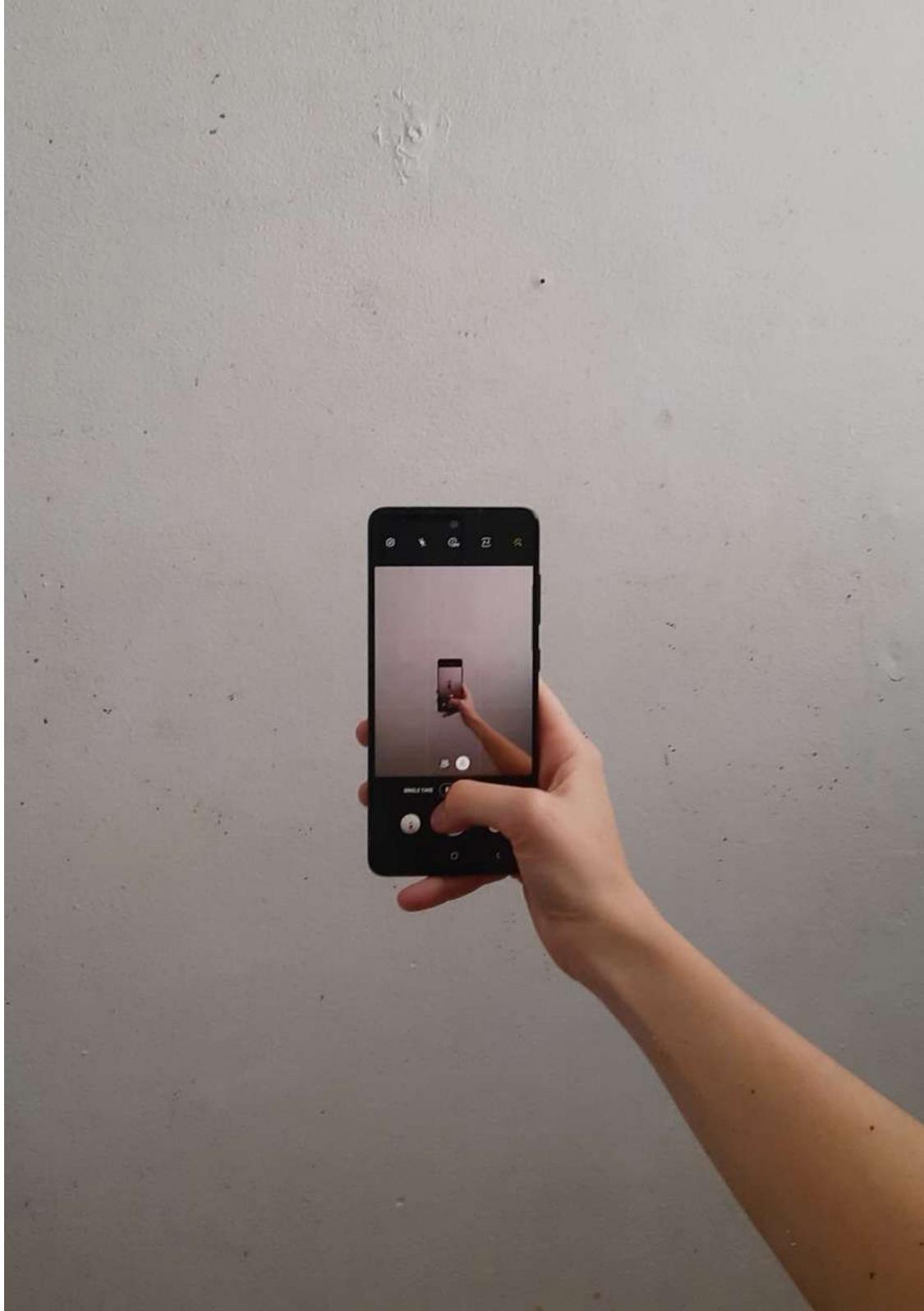
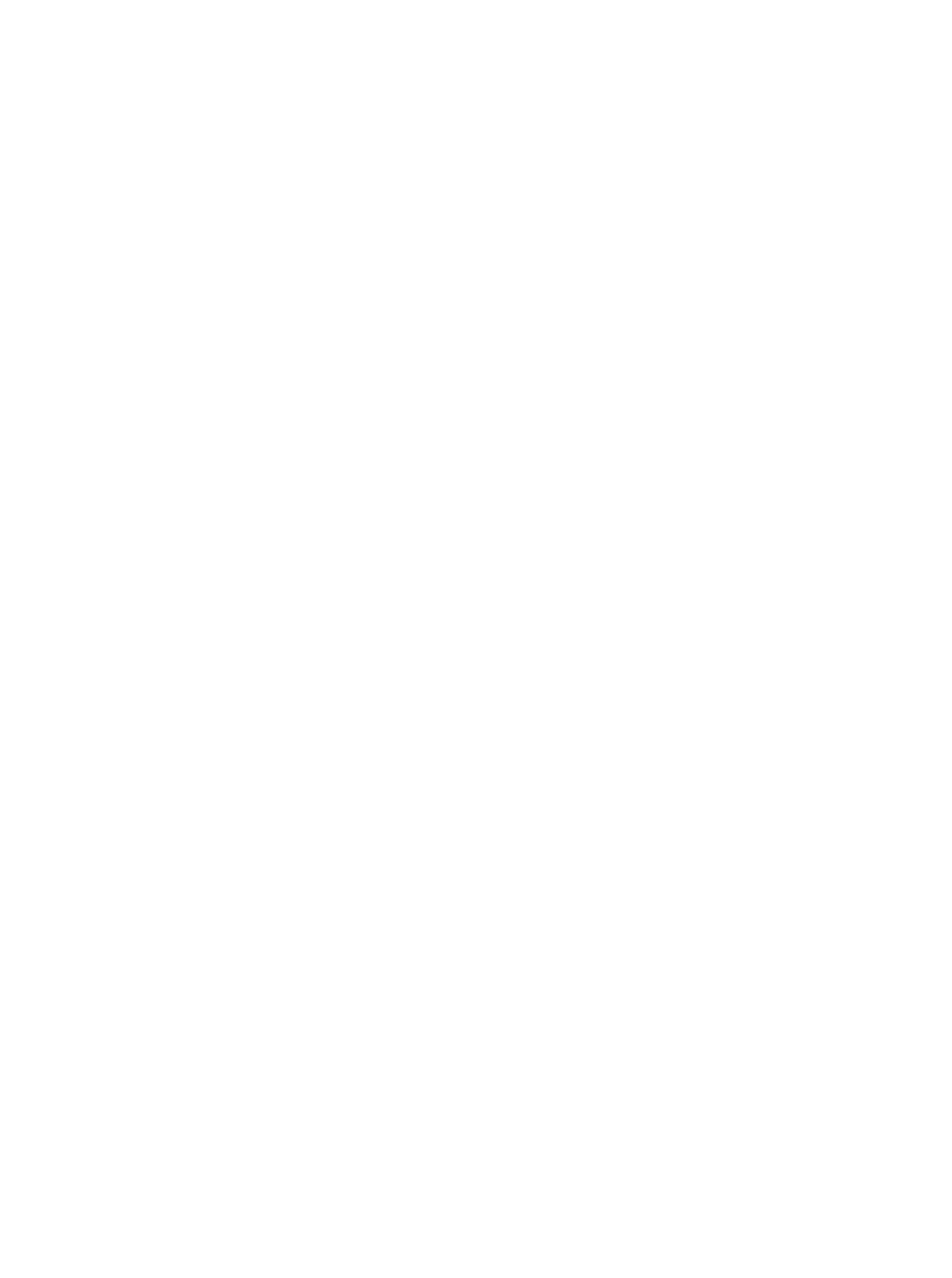


Figura 1: Autorretrato híbrido.
Fonte: Laura Curvão.
2021. Acervo da autora



Esquecemo-nos rápido demais que, antes de ser um conjunto de técnicas destinadas a permitir que nos abriguemos das intempéries, a arquitetura é um instrumento de medida, um saber que, ao nos colocar no mesmo plano que o ambiente natural, é capaz de organizar o espaço e o tempo das sociedades (VIRILIO, 1993, p. 16).



Figura 4: *Architecture of density* (Fonte: Michael Wolf) 2009

À minha mãe e todo seu amor e dedicação que
sempre iluminarão meus caminhos.

A g r a d e c i m e n t o s

Agradeço à minha família por todo suporte e amor oferecido em toda minha vida e que mesmo distante olha por mim.

Agradeço aos meus orientadores Gustavo Racca e Rubens de Andrade por todo apoio durante a realização do trabalho, pelas conversas necessárias e por, sobretudo, acolherem as reflexões aqui idealizadas com enorme paciência para que germinassem no seu tempo.

Agradeço aos amigos Jordi, Fernanda, Mariana, Marcelle e tantos outros pelas trocas constantes, leveza e carinho dedicados a mim não só nesse momento, como em vários outros da minha jornada.

Agradeço à banca pela generosidade dos comentários, sempre na tentativa de enriquecer os percursos do trabalho e pela extrema sensibilidade de perceber o potencial das ideias aqui apresentadas.

Agradeço a todos que fizeram e fazem parte da minha trajetória e de alguma maneira ajudam na minha constante construção enquanto ser humano.

Sumário



Introdução 9



outros contornos da experiência urbana 12



outra face da experiência urbana 17



outro olhar, outros questionamentos 26



Considerações finais 35



Referências bibliográficas 36



exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

i n t r o d u ç ã o

Como o consumo de imagens afeta nossa relação com a cidade? Essa foi a primeira pergunta que fiz ao dar início às investigações deste trabalho. A inquietação partia da percepção de hábitos tão naturais em mim e nos outros dos quais, no fundo, sentia enorme incômodo como, por exemplo, acordar e logo responder mensagens e circular pelo *instagram*. Me perceber nessa e em outras situações análogas foi a faísca necessária para querer explorar possíveis dinâmicas entre o fluxo imagético, os indivíduos e a cidade.

Ao longo do processo de escrita do trabalho, estive constantemente diante do desafio de desconstruir abordagens comuns no campo da Arquitetura e Urbanismo que pautam forma e função enquanto norteadores dos debates. Portanto, a perspectiva almejada aqui para enfrentar a temática escolhida, é a de ampliação dos horizontes de pensamento para refletir sobre as vivências e trocas sociais que se manifestam no cotidiano da cidade.

Como perceber hábitos tão arraigados no cotidiano, seus efeitos e limitações que nos impõem? As reflexões de Giorgio Agamben foram de suma importância no sentido de incitar um outro olhar para as discussões, de estimular um “olhar de fora” mesmo quando se está dentro:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque,

As proposições de Agamben geraram um estranhamento necessário que desencadeou reflexões sobre como se dá a experiência urbana. Apesar de diversa, ela possui elementos materiais e imateriais que reverberam em outros campos da vida de um indivíduo. A repetição, padronização, previsão foram gradativamente se aproximando das reflexões que tem como protagonista a colonização do cotidiano por dispositivos eletrônicos. Esse cotidiano que passa a se basear em virtualidades, parece não oferecer alternativas possíveis.

As peculiaridades da experiência urbana contemporânea aos poucos se revelam como um emaranhado de questões em que há um sentido híbrido preponderante alavancado pela ubiquidade dos fluxos informacionais. Diante disso surgem uma série de narrativas que lançam nossos olhares para múltiplas formas de leitura da cidade, como ela se apresenta e como afeta os hábitos da sociedade. Assim, ficam algumas questões que norteiam o debate proposto:

Como conviver com esse fluxo incessante e instantâneo que está além da nossa capacidade cognitiva?

Quais implicações de se viver com tal acúmulo imagético-informacional?

As transformações ambientais de nosso tempo transformam também o sujeito, que se vê impelido por dinâmicas muitas vezes desconhecidas. A existência contemporânea diz respeito a um atravessamento de informações que afetam e transformam seu estado. É sobre receber uma notícia a respeito do fim da democracia em um país distante e se afetar, ter seu dia transformado e logo após ver o vídeo de um gato tocando teclado. Por isso, explorar esse sujeito e como ele se coloca nesse emaranhado de questões se torna urgente para tensionar hábitos que se naturalizam.

Cada passo dado com o trabalho gerou outros questionamentos e, livre do peso de tentar respondê-los, a proposta foi de esgarçar os limites desse tecido discursivo e das narrativas que configuram o Ser e estar urbano contemporâneo. A procura foi por mais perguntas. Tal movimento demandou maior atenção em sua hierarquização para entender quais delas deveriam nortear as discussões e quais seriam tangenciadas.

Vale ainda ressaltar que se vislumbrou na condução do trabalho, um campo de debates e aproximações distintas para se pensar arquitetura, urbanismo, paisagem e ambiente construído elegendo-se dessa forma ferramentas não usuais na construção do objeto e tema do trabalho, mas principalmente, o interesse de indicar outras possibilidades de escrita no campo da Arquitetura e Urbanismo.

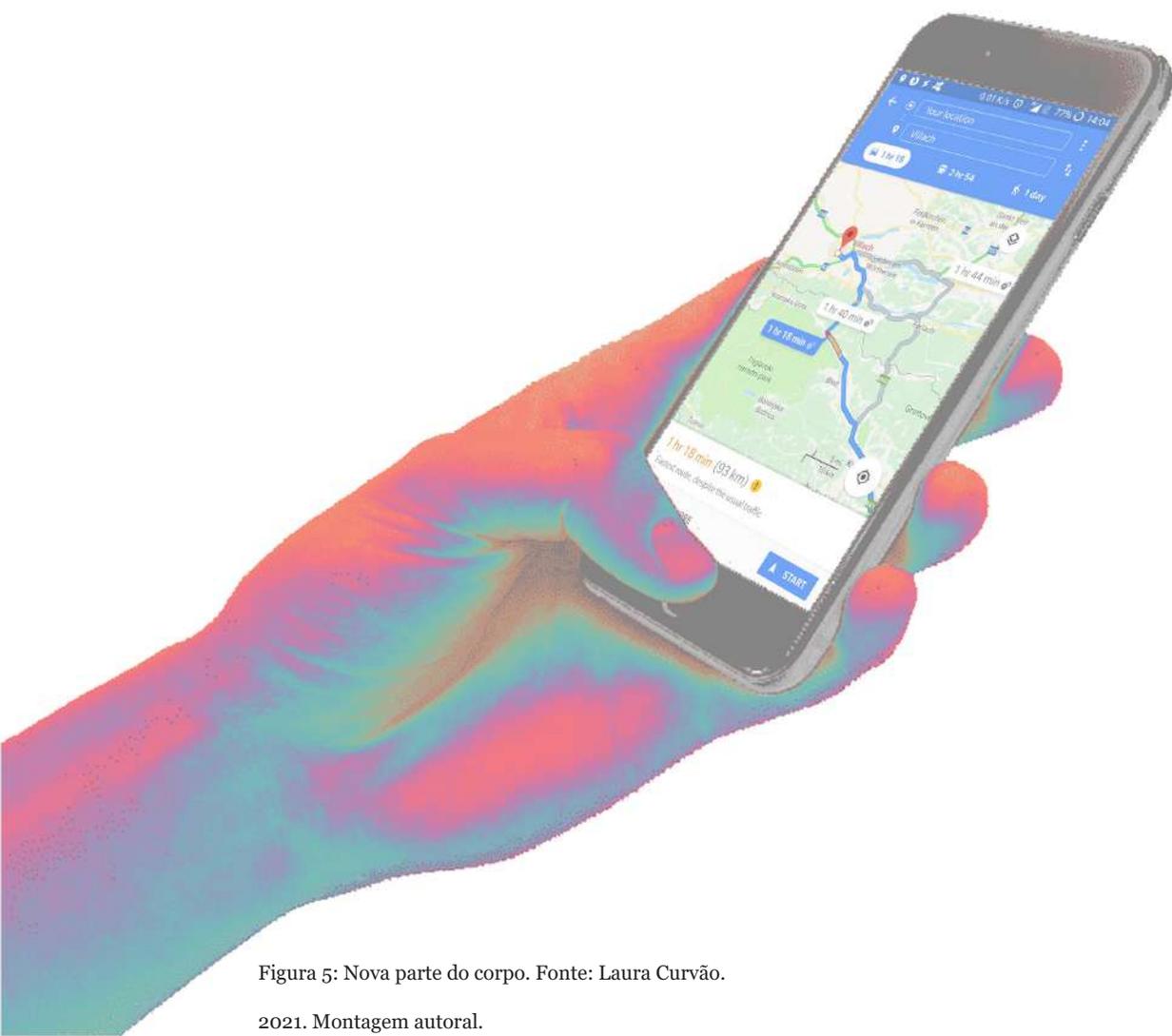
O trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro, intitulado *outros contornos da experiência urbana*, apresenta os elementos dos quais as discussões orbitam e que são aprofundados no decorrer do trabalho. Nele, as ambiguidades e desdobramentos de um habitar expandido dirigem as reflexões. Em essência buscou-se uma aproximação dos aspectos que se dissolvem na atual experiência híbrida urbana e que portanto, alteram a leitura de cidade.

O segundo capítulo, *outra face da experiência urbana*, apresenta uma perspectiva distópica da experiência urbana contemporânea e como uma passividade se instaura dentro de um universo em que os dispositivos eletrônicos impelem os sujeitos à padronização.

É importante ressaltar aqui que o contexto virtual perpassa todo trabalho e que a sociedade ora alinhada, ora atravessada por dispositivos móveis que a conecta à rede, está eminentemente imersa nele. Dessa maneira, optou-se conceitualmente por adicionar camadas de virtualidade ao trabalho que são fundamentais para seu entendimento. O leitor, portanto, deve atentar durante a leitura para elementos que os conectem a outros espaços.

O terceiro capítulo, *outro olhar, outros questionamentos*, discute os processos metodológicos para construção dos experimentos que tensionam o arco de questões levantadas durante o trabalho.

Em síntese, o trabalho se lança à investigação de processos constituintes da vivência urbana contemporânea e questões atreladas a eles, como parte de um esforço para explorar outros campos que reverberam na conformação dos espaços.



outros contornos da
experiência urbana

Figura 5: Nova parte do corpo. Fonte: Laura Curvão.

2021. Montagem autoral.

A onipresença de aparelhos eletrônicos com câmeras e conectados à Internet inauguram múltiplas formas de comunicação e relações socioespaciais. Nesse contexto de profusão tecnológica, as noções de natural-artificial, próximo-distante e público-privado são dissolvidas e produzem ambiguidade nas dinâmicas vivenciadas. Hábitos urbanos foram alterados determinando assim, outros padrões de convivência na cidade que passam a operar também segundo lógicas digitais.

As dimensões adicionadas às relações urbanas expandem os limites de atuação do sujeito em relação a cidade e vice-versa. As janelas eletrônicas dos dispositivos se configuram como vias de contato entre sujeito e cidade ao permiti-los acessarem remotamente serviços disponibilizados no meio urbano.

O sujeito contemporâneo constantemente acompanhado por esses dispositivos se torna um híbrido de carne e conexão que, ao se deslocar — pela cidade e pelo ciberespaço — produz um rastro informacional que compõe um perfil virtual.

Segundo Giselle Beiguelman, em um contexto como o atual, repleto de bancos de dados, nos tornamos uma espécie de plataforma que disponibiliza informações e hábitos, conforme construímos nossas identidades públicas nos diversos serviços relacionados ao nosso consumo, lazer e trabalho. Somos, portanto, corpos informacionais, que podem não só transportar dados, mas que passam também a ser entendidos como um campo de escaneamento e digitalização de informações (BEIGUELMAN, 2013, p. 155).



O corpo híbrido dissolve as noções de natural e artificial já que existe um grande potencial de combinação entre manipulação genética, redes neurais e robótica no sentido que, em breve, funções vitais poderão ser replicadas maquinicamente e máquinas adquirirão qualidades vitais (SANTAELLA, 2003, p. 199). E para além disso, o fato de estar constantemente acompanhado de aparelhos eletrônicos conectados à internet, o projeta para além do aqui, com todas as possibilidades oferecidas por essa espécie de nova parte do corpo. Ampliando essa visão, é possível associar que a leitura informacional do corpo foi possibilitada pelos estudos que descobriram a estrutura tridimensional da molécula de DNA e então, transcreveu para outra linguagem os acontecimentos a nível molecular. Ao alcançar esse nível de informação, as tecnologias digitais se conectaram cada vez mais às ciências da vida em sua jornada de estudo dos seres vivos e “com suas tendências virtualizantes, seu embasamento na informação supostamente imaterial e seu horizonte de digitalização universal, ambos os tipos de saberes e ambos os conjuntos de técnicas se aplicam aos corpos, subjetividades e às populações para consumir diversas metas, além de contribuírem para produzi-los em vários sentidos” (SIBILIA, 2015, p. 87).

Suas dinâmicas, portanto, respondem também à velocidade da conexão. Sua projeção virtual está constantemente disponível para outras entidades virtuais e tem acesso a infinitos conteúdos que estão a um clique de distância. É nesse sentido que o híbrido de carne e conexão tem parte de suas experiências pulverizadas pelo espaço virtual. Ao habitar cada vez mais esse espaço, ele passa a consumir infinitas possibilidades imagéticas e assim, adquirir experiências e informações através delas. Sua conformação de realidade agora é impregnada pelo fluxo de conteúdos consumidos online.

Nesse contexto, vale refletir sobre como o primeiro momento em que a cidade faz face aos indivíduos não é quando estes saem de casa e sim, quando abrem suas janelas eletrônicas através de algum dispositivo. O fluxo imagético-informacional contribui para a

construção de visualidades de cidade que evocam no corpo híbrido percepções sensoriais ligadas aos ambientes alternativos que são habitados. Por exemplo, ao rolar o *feed* de uma rede social como *instagram* é possível visualizar notícias, *memes*, acontecimentos pessoais compartilhados pela sua rede de contatos, propagandas, tudo acompanhado por imagens que se acumulam e atualizam dentro de um fluxo contínuo.

O ciberespaço permite aos corpos híbridos transporem barreiras de espaço-tempo ao depender apenas de conexão com a *internet* e um aparelho para se conectar. Assim, as interações virtuais contribuem para o surgimento de conformações espaciais que não dependem necessariamente de presença física simultânea no mesmo lugar e sim, de conexão com a *internet*, contribuindo, portanto, para a dissolução das noções de proximidade e distância. A virtualidade permite existência sem presença. Os corpos híbridos são expandidos e consolidam de fato esse espaço desterritorializado como uma dimensão de suas realidades. Nele, proximidade e distância dão lugar à sincronicidade e assincronicidade, e a partir de então, contribuem para construção de outras leituras dos ambientes em que se circula.

Inúmeras atividades são transpostas ao ciberespaço, consolidando-o como uma instância da vida do híbrido de carne e conexão: entretenimento, informação, consumo, relações sociais, vários aspectos possuem um correlato virtual a ser explorado que ora complementam, ora se sobrepõem às suas versões físicas. Dentro desse contexto, o compartilhamento de informações se estabelece de maneira fluida, como continuidade das relações que se estabelecem na cidade. Esse outro universo de informações que se cria ganha importância já que “não se trata apenas de um sistema de troca de informações, mas de um verdadeiro espaço cultural que, embora desterritorializado, também permite encontros, atuações públicas e relações afetivas” (VIEIRA, 2020, p. 16).

Esses fatores dão um sentido híbrido às relações socioespaciais na atualidade: o espaço construído ganha outros contornos já que

passa a ser percebido segundo as lentes das novas tecnologias. Conectado à *internet* é possível obter informações sobre qualquer assunto, bem como compartilhar qualquer informação, remodelando, portanto, espaços de encontro, debate e atuações públicas. Durante o dia um quarto pode se transformar em um escritório e à noite, em mesa de bar. Uma mesa de bar pode agregar pessoas que se fazem presentes virtualmente. O cotidiano entrelaçado ao virtual se torna multifacetado, exigindo do sujeito capacidade multitarefa tal qual dos dispositivos eletrônicos que os acompanham e dessa maneira, a experiência mediada atua como vetor de ruptura da escala urbana.

À luz do conceito de hiperculturalidade, discutido por Byung-Chul Han, é possível afirmar que os corpos híbridos participam de uma totalidade fragmentada que tensiona os processos de troca e convívio: a expansão informacional do aqui justapõe diferentes tempos e lugares, acionados por flutuações que se desprendem do território. As peculiaridades da experiência urbana contemporânea aos poucos se revelam como um emaranhado de questões em que seu sentido híbrido é alavancado pela ubiquidade dos fluxos informacionais.

Nesse contexto, as imagens ganham protagonismo por serem a principal interface de mediação do cotidiano, seu valor está na informação que carrega e não mais no objeto, como destaca Flusser, sendo então consideradas o primeiro objeto pós-industrial (FLUSSER, 2018, p. 64). Atualmente, o suporte digital levou ao limite essa relação já que desmaterializa a imagem e quando conectado à *internet* acelera sua distribuição.

A produção imagética se intensifica por conta da onipresença de dispositivos dotados de câmeras que os híbridos carregam consigo e dessa maneira, se torna possível dentro de diferentes esferas cotidianas criando uma verdadeira vida urbana mediada por imagens. O híbrido fotografa automaticamente já que tem seu dispositivo como parte do próprio corpo e olha cada vez mais através do deles. Essas imagens, a despeito de sua objetividade, não são o mundo e sim, determinados conceitos relativos a ele. Elas transcodificam processos em cenas e com

isso visam transformar conceitos em relação ao mundo (FLUSSER, 2018, p. 23).

No limite, as experiências se transformam em imagens e as imagens em experiência, isto é, um passeio com amigos rapidamente gera várias fotografias em que algumas são compartilhadas; e o consumo imagético dá informações sobre experiências que não necessariamente foram vivenciadas.

As imagens, nesse sentido, além de atestar facticidade de um acontecimento, atritam com a fruição da própria experiência: o gesto de fotografar se torna parte importante da vivência. O corpo híbrido, portanto, adquire hábitos que o alinham ao meio digital. Hábitos, em essência, hiperestimulantes já que estão em consonância ao incessante fluxo virtual: constante checagem de dispositivos, fotografar qualquer acontecimento ou objeto (além de si mesmo), são movimentos que transformam as relações socioespaciais ao frequentemente minar a atenção do indivíduo. Ele é impelido por dinâmicas das quais não necessariamente reconhece.

Com base nos pontos discutidos até aqui, a cidade-tela conforma um habitar extremamente comunicativo, híbrido e que, por ser mediado por imagens, se torna ambíguo em inúmeras circunstâncias. O sujeito, nesse contexto, tem uma vida quantificada por *likes*, comentários e compartilhamentos. As incertezas geradas por esse estar pulverizado são ocultadas pela sedução das atualizações tecnológicas e sua ideia de acesso ilimitado que, como será discutido no capítulo seguinte, se desdobra em uma forma de controle das subjetividades.

outra face da
experiência urbana





Figura 7: Glitch sobre Architecture of density. Fonte: Laura Curvão. 2021. Montagem da autora.

O sentido híbrido da experiência urbana ganha outros contornos quando pensado dentro do contexto do capitalismo tardio. Os aspectos de funcionamento das trocas *online* como sua instantaneidade, sua abrangência de grandes áreas de tempo e circunstâncias, entre outros, servem de indicadores para certo predomínio desse tipo de troca no cotidiano.

Os deslocamentos virtuais dos indivíduos produzem rastros informacionais que alimentam históricos e bancos de dados. Essas informações parecem banais e na maioria das vezes são cedidas voluntariamente, mas no contexto atual em que grandes empresas são as detentoras desses dados há necessidade de estar alerta para o que é captado por elas e porquê.

A multiplicação de áreas de tempo e experiência que são anexadas a novas tarefas e demandas que envolvem máquinas estabelece certa dependência nelas e necessidade de atualização contínua, já que elas armazenam todo um histórico de dados do indivíduo — contatos, mensagens, fotos, senhas, etc. — e sem o qual ele é excluído de esferas de comunicação, além da gestão prática de suas necessidades cotidianas (WISNIK, 2018, p. 77).

Esse fato aliado à crença de que tecnologias são neutras são fatores que dificultam a percepção de como elas estão sendo transformadas em dispositivos de controle que induzem comportamentos a partir dos dados que são livremente disponibilizados. Ao mapear informações e hábitos de consumo, lazer e trabalho, interfaces personalizadas são criadas em aplicativos, anúncios são sugeridos nos sites navegados,

ou seja, os percursos virtuais são constantemente monetizados. Além da exploração econômica dos dados cooptados, perfis relacionados a cada indivíduo são traçados e alimentados a cada jornada virtual para serem explorados de diferentes maneiras, que vão do marketing à análises científicas. A lógica algorítmica age com suas constantes sugestões de consumo que no geral são vistas de maneira positiva, como personalização, mas, na verdade, agem no sentido de induzir comportamentos ou tomadas de decisão, como no caso das eleições estadunidenses de 2016. Nelas, os dados de 270 mil usuários do *Facebook* foram obtidos pela empresa Cambridge Analytica através de um teste de personalidade disponível na rede social e mais os dados de toda rede contatos de cada um deles, o que acumulou um total de 50 milhões de perfis acessados. Em posse desses dados, a empresa traçou um perfil de cada um para direcionar propagandas políticas a favor de Trump — além de propagandas negativas contra a adversária dele, Hillary Clinton — para aqueles que seriam propensos a votar nele ou estariam em dúvida¹.

Hoje, a formatação das subjetividades acontece de maneira silenciosa, camuflada pela personalização e individualidade das tecnologias digitais, mas que na verdade as molda para um padrão estabelecido e acaba por, dentro da lógica algorítmica, tentar dar vida a quem você é de acordo com seu histórico de navegação e consumo. O que é visto, de certa maneira olha de volta. É possível perceber que o consumo é um ponto chave nesse contexto, já que acontece uma extrema monetização do fluxo imagético-informacional e por consequência, quanto maior o fluxo, maior a circulação de capital.

A sociedade globalizada em que se vive atualmente, marcada, dos pontos de vista político, econômico e tecnológico, pela suspensão de barreiras e obstáculos é um disparador de reflexões feitas pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han sobre as relações sociais

¹ Fonte: <https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html>

contemporâneas. O paradigma imunológico² caracterizado pela negatividade e pela defesa contra o outro, que marcou o século XX, decai no atual contexto já que atua em sentido contrário às dinâmicas de fluxo livre da globalização. A sociedade contemporânea pobre em negatividade substitui alteridade e estranheza pela diferença, que não provoca reação imunológica no sujeito, e cria uma violência exaustiva, originada na positividade (HAN, 2015, p. 12). A positividade, por sua vez, vem de um excesso de iguais em que não há necessidade de defesa imunológica, sua violência, portanto, é imanente, parte do eu contra ele mesmo e a partir disso, Han classifica a depressão, a síndrome de burnout e o transtorno de déficit de atenção como as patologias contemporâneas. Todas essencialmente neuronais, produzidas pelo excesso de positividade do mesmo.

Segundo Han, estamos na sociedade do desempenho, em que os sujeitos não são mais os sujeitos de obediência da sociedade disciplinar e sim, do desempenho e da produção. A sociedade disciplinar marcada pelas delimitações de interno e externo, repleta de hospitais, asilos, fábricas, presídios e quartéis dá lugar a uma sociedade repleta de academias, bancos, aeroportos, torres de escritórios e shoppings (HAN, 2015, p. 14). Empreendedores de si mesmo, os indivíduos agora são movidos pela iniciativa pessoal e pelo desejo de aumentar a produção, fato que pode ser visto na enorme profusão de contas profissionais nas redes sociais e que acaba assumindo o caráter de uma verdadeira corrida pelo sucesso. Nesse contexto, a disciplina é internalizada e acaba por fazer coincidir liberdade e coerção no próprio indivíduo, que agora passa a se autoexplorar e seguir em um ritmo de excesso de trabalho, mas que é aliado ao sentimento de liberdade (HAN, 2015, p. 17).

² O paradigma imunológico se baseia nos princípios de ação imunológica de ataque-defesa em que a alteridade gera uma reação. Isso extrapola os campos da biologia e adentra nas relações sociais e nesse sentido, tem-se que o século XX foi marcado por esse paradigma. Uma época na qual as divisões dentro-fora e amigo-inimigo eram bem delimitadas e portanto, qualquer sinal de alteridade, mesmo que sem intenção de hostilidade, deveria ser eliminado.

A ingestão de fluxos eletrônicos se une visceralmente à lógica do desempenho, mantendo o sujeito contemporâneo em inércia. À luz das análises de Byung-Chul Han, o arquiteto Guilherme Wisnik reflete que o cotidiano hoje, “dominado pela conexão permanente à internet através de aparelhos móveis e pela presença dos modos de trabalho flexíveis, coloniza os antigos momentos de ócio e de lazer com atividades supostamente produtivas, matando o tédio criativo com a constante e ansiosa troca de informações” (WISNIK, 2018, p. 73). E segundo ele, isso gera a sensação angustiante de perder o controle de ações e decisões, já que se está constantemente respondendo demandas que fazem a vida caminhar, entretanto, sem vislumbrar pontos de chegada ou momentos emancipadores ao longo do caminho. Em síntese, vive-se em um mundo no qual o “excesso de produtividade é o motor paradoxal de uma enorme e fundamental passividade” (WISNIK, 2018, p. 75).

Nesse sentido, a definição de sujeito trazida por Jonathan Crary em seu livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* é interessante para as reflexões feitas até aqui:

Segundo o coletivo Tiqqun³, nós nos tornamos os habitantes inofensivos e maleáveis de sociedades urbanas globais. Mesmo na ausência de qualquer obrigação, escolhemos fazer o que nos mandam fazer; permitimos que nossos corpos sejam administrados, que nossas ideias, nosso entretenimento e todas nossas necessidades imaginárias sejam impostos de fora. Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente oferecemos feedbacks a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância. E que ingere comida e água tóxicas. E vive, sem reclamar, na vizinhança de reatores nucleares (CRARY, 2016, p. 68).

³ Tiqqun é um coletivo francês de escrita anônima em que a ideia de autor, segundo Agamben, não faz sentido vista tamanha coincidência que sujeito e dispositivo tem em seu pensamento. Ver “A propósito de Tiqqun”, in *Tiqqun: contribuição para a guerra em curso*, trad. Vinícius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2019.

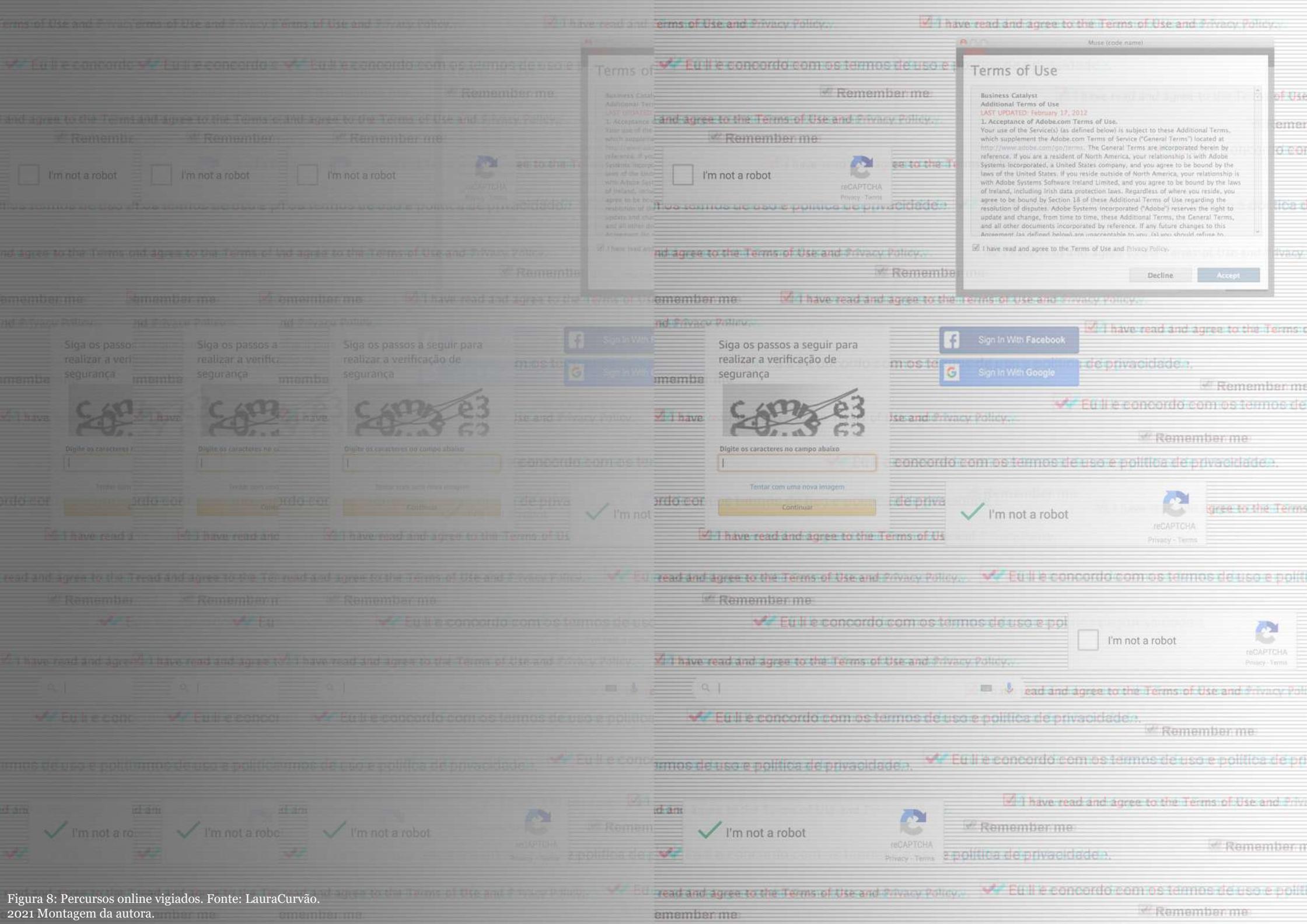


Figura 8: Percursos online vigiados. Fonte: LauraCurvão, 2021 Montagem da autora.

Em suas reflexões, Crary parte de estudos desenvolvidos pelo governo estadunidense para produzir um soldado que funcione e seja, inclusive, mais atento mesmo sem dormir. Ideia que, segundo ele, seria difundida entre a sociedade civil já que o sono representa uma barreira biológica para a produção e consumo constantes. A destituição temporal é para Crary uma forma eficiente de controle que mantém o sujeito em estados de neutralização e inatividade: o tempo gasto, por exemplo, assistindo televisão ou rolando *feeds* corrói qualquer possibilidade de ócio criativo, além de se configurar como mais um espaço de tempo regulado por corporações.

A partir disso, pode-se vislumbrar a ideia de temporalidade 24/7: “um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de operações incessantes e automáticas” (CRARY, 2016, p. 39). Tempo de disponibilidade contínua - 24 horas por dia, 7 dias por semana - e de reação imediata aos estímulos recebidos. Um presente contínuo baseado em consumo e produção que impacta com sua homogeneização a legibilidade dos regimes temporais ligados à periodicidade humana. Isto é, “os dias da semana, feriados, descansos sazonais persistem, mas estão sendo corroídos pela monótona indistinção da temporalidade 24/7” (CRARY, 2016, p. 40). Os tempos de ócio ou descanso já praticamente não fazem parte desse cotidiano hiperestimulante, o sono resiste apenas por ser uma função biológica.

Os dispositivos eletrônicos operam como gestores da vida cotidiana dos sujeitos e colocam lado a lado a possibilidade de administração de contas bancárias e de amizades com os mesmos gestos maquinais. A transferência de atividades ao mundo virtual acaba por uniformizar gradativamente áreas de experiência, além de transformar modalidades de trocas sociais em sequências rotineiras de solicitação e resposta. É nesse sentido que Crary alerta para uma desvalorização das atividades que não possuem um correlato virtual:

“eventuais bolsões de vida cotidiana que não visam fins lucrativos ou aquisitivos, ou que não podem ser adaptados à participação telemática, tendem a ser depreciados e deixam de ser desejáveis” (CRARY, 2016, p. 68).

No contexto em que há uma ampla regulação temporal por dispositivos eletrônicos, as lógicas da sociedade de desempenho e o frenesi hiperestimulante advindo do consumo imagético, se naturalizam e tornam-se uma forma eficiente de produção de conformidade social. Ou seja, acontece uma redução ou eliminação de diferenças, um estreitamento do espectro comportamental e de outras formas de vida não mensuráveis, já que gradativamente os sujeitos se adequam às novidades tecnológicas e estas, por sua vez, permitem apenas formas de existência predeterminadas.

Essa regulação tecnológica estabelece padrões que colonizam o imaginário social e urbano. O suporte digital levou ao extremo a distribuição de imagens: a velocidade de produção e circulação, que se alinham à lógica de consumo capitalista, impõem um regime de efemeridade às imagens. Essa torrente imagética que “eterniza a automaticidade inconsciente de quem fotografa” (FLUSSER, 2018, p. 72) faz parte das relações, em termos flusserianos, de aparelho-programa que manipulam o receptor para comportamento ritual.

O aparente acesso ilimitado que os híbridos possuem ao navegar *online* e compartilhar toda sua vida os fazem desfrutar de uma sensação de liberdade, no entanto não há consciência de que as possibilidades exploradas são pré-determinadas por um programa que é constantemente atualizado graças aos seus *feedbacks* voluntários. Os hábitos hiperestimulantes que vem em conjunto dos dispositivos eletrônicos são como os comportamentos ritualísticos que manipulam o receptor em proveito dos aparelhos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que é instituído um regime de previsibilidade na vida do indivíduo: seu corpo hiperestimulado segue em inércia, alheio de que seus hábitos são gradativamente moldados

tando para todos

Meet: yjc-bguc-hvg

Escritos TFG2 - Google Drive | Capítulo 1 - Documentos Google | Sumário - Documentos Google

guc-hvg?authuser=0

LETÍCIA LAMPERT The Power of Photo... Pendente Tubo Cili... carta roubada edga... the new digital age... open government... La Commune (Eng... Lista de leitura

Parar apresentação

Escritos TFG2 - Google Drive | Capítulo 1 - Documentos Google | Sumário - Documentos Google

The Power of Photo... Pendente Tubo Cili... carta roubada edga... the new digital age... open government... La Commune (Eng... Lista de leitura

Parar apresentação

Gustavo Badolati Racca Gabriel De Araujo Mesquita

Gustavo Badolati Racca Gabriel De Araujo Mesquita

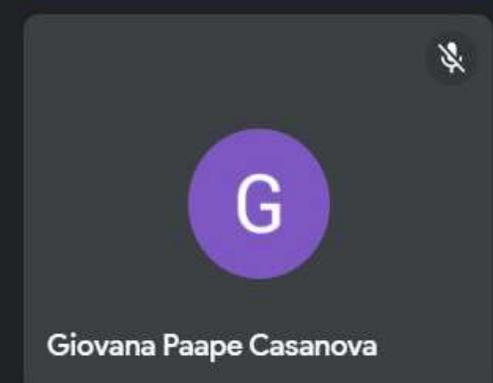
Giovana Paape Casanova Luiz Gustavo Costa Mello

Giovana Paape Casanova Luiz Gustavo Costa Mello

Você

Você

24°C Limpo POR 19:24 PTB2 17/08/2021



Microphone, Camera, Hand, Screen, More, End Call

24°C Limpo POR 19:24 PTB2 17/08/2021

Microphone, Camera, Hand, Screen, More, End Call

Figura 9: Print sala de aula. Fonte: Laura Curvão.

pelas imagens que os cercam. Ele vive uma ilusão de autonomia. As imagens se configuram como uma camada espessa que se interpõe entre sujeito e mundo, afastando-os. O sujeito, por sua vez, passa a viver em função delas por não conseguir decifrar os significados ali contidos, absorvendo um comportamento mágico. A onipresença de *smartphones*, por exemplo, pode ser vista como consequência de um comportamento mágico que impeliu os sujeitos a adquiri-los e por consequência outros comportamentos foram moldados pelo programa inserido nele.

Essas reflexões revelam uma existência ilusória em que há uma sensação de autonomia vinda do fato de se estar alheio ao programa inscrito nos aparelhos. No atual contexto em que o tempo de instantaneidade da conexão dita o ritmo das relações, essas questões são cada vez menos percebidas apesar de configurarem uma lógica de funcionamento absurda que se abate sobre os sujeitos.

Os dispositivos eletrônicos estão tão agregados ao cotidiano que abandoná-los significa ser excluído de várias camadas de experiência, além da gestão prática de suas necessidades cotidianas. Dessa maneira, a condição de existência do híbrido de carne e conexão ganha uma camada distópica em que sua dependência dos dispositivos se configura como um impasse: ou vive-se inerte dentro das lógicas de dominação ou se é excluído de parte da convivência urbana.

Eis como fotografias são recebidas: enquanto objetos, não têm valor, pois todos sabem fazê-las e delas fazem o que bem entendem. Na realidade, são elas que manipulam o receptor para comportamento ritual, em proveito dos aparelhos. Reprimem a sua consciência histórica e desviam a sua faculdade crítica para que a estupidez absurda do funcionamento não seja conscientizada. Assim, as fotografias vão formando um círculo mágico em torno da sociedade, o universo das fotografias. Contemplar tal universo visando quebrar o círculo seria emancipar a sociedade do absurdo (FLUSSER, 2018, p. 79).



Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz. Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (AGAMBEN, 2009, p. 65).

outro olhar,
outros questionamentos

Como, enquanto arquiteta, agir nesse contexto? Como o pensamento no campo da arquitetura pode contribuir para as discussões levantadas?

As primeiras movimentações para agir nas discussões criadas até aqui foram internas: me desvencilhar de uma abordagem tradicional em que o projeto de arquitetura seria proposta para solução de um problema.

Nesse sentido, a abordagem precisava se assemelhar não a uma solução e sim, a mais uma pergunta dentre as muitas outras que surgiram ao longo do desenvolvimento. Era necessário um olhar *outsider* que provocasse reflexões acerca de experiências que estão se dando neste momento, que tensionasse hábitos absurdos naturalizados com tanta fluidez. Era preciso não pertencer a esse tempo para então, lançar um olhar sobre ele.

A partir disso foram pensados vídeo-experimentos que fazem uma provocação em relação às dinâmicas híbridas da experiência urbana e através de suas características imersivas ressaltam a justaposição de imagens do devir contemporâneo. Ao literalmente fazer o movimento de justapor imagens, eles tornam-se leituras singulares das relações socioespaciais e procuram evidenciar o teor ordinário que o cotidiano e a cidade tomam diante das dinâmicas do Ser e estar urbano na atualidade.

Entretanto, ao longo do desenvolvimento do trabalho ocorreram dois momentos distintos no manuseio imagético: o primeiro baseado em vivências que se transformaram em narrativas escritas e por fim, se desdobraram em imagens; o segundo que utiliza o suporte audiovisual para desenvolver narrativas.

Os primeiros experimentos tinham como protagonista a personagem X e seu cotidiano. Foram narrados dois momentos de seu cotidiano que posteriormente se desdobraram em imagens, que seguem em sequência:

DESEJO

X nunca foi muito de cozinhar, ela sabe se virar, mas o ifood é seu melhor amigo. Em uma noite resolveu assistir ao programa Masterchef, já que muitas pessoas em suas redes sociais estavam comentando sobre essa edição. Gostou tanto do programa que se sentiu inspirada a cozinhar, pegou seu celular para buscar uma receita que já tinham cozinhado no programa: frango com ervas. Cozinhou e aparentemente tinha se saído bem, mas a louça estava caótica - o que não acontecia quando pedia algo pelo ifood. Montou o prato da forma mais caprichada possível, quase como uma competidora do programa e quando ia dar a primeira garfada se lembrou: aquilo precisava de uma foto. Correu, pegou seu celular, escolheu o melhor ângulo, tirou a foto, adicionou um filtro e pronto, postou no seu story do instagram. Finalmente ia comer. A comida realmente tinha ficado boa, mas na quarta garfada houve uma interrupção: notificação do instagram. “Fernanda reagiu ao seu story.” Foi ler o que ela tinha falado e nessa conversa que se desenrolou em ver o *feed* de notícias, escolher uma música, responder mais mensagens, X comeu o restante de sua comida fria.

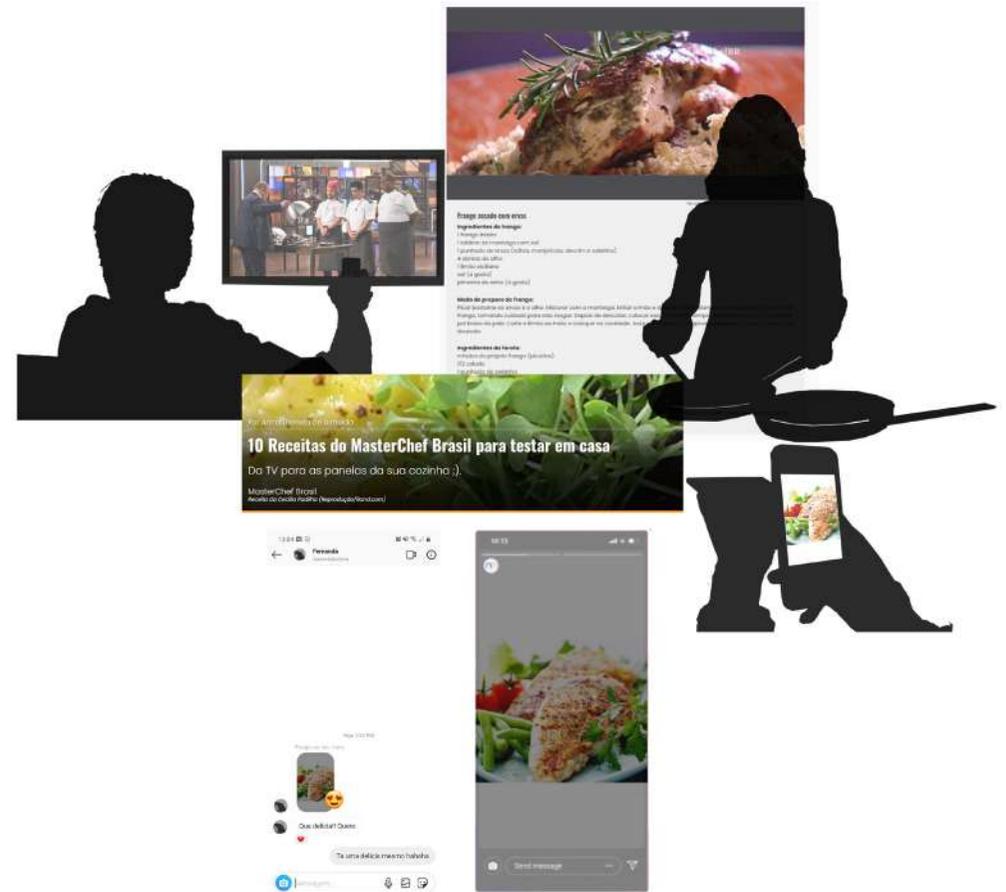


Figura 10: Desejo instaurado. Fonte: Laura Curvão 2020. Montagem da autora.

HORÁRIO COMERCIAL

X acorda às 5 horas da manhã. Ao desligar o despertador, inevitavelmente vê as notificações em seu celular e responde algumas. Geralmente responde algumas pessoas da família e amigos próximos, mas se surge algo urgente no trabalho responde também. Às 6:00 chega na academia, coloca seu fone de ouvido, escolhe uma música e malha até às 7:00, se arruma em 45 minutos e pega a barca de 8:10. Durante o percurso põe o fone de ouvido e escolhe uma música para não ter que ouvir todo falatório da barca e segue imersa em seu celular respondendo mensagens, lendo os emails, dando uma olhada nas notícias... Chega na Praça XV às 8:40 e anda cerca de 15 minutos até seu trabalho. Trabalha com seu computador e, ironicamente, de vez em quando, resolve descansar da tela mexendo no celular. Instagram, whatsapp, twitter, são várias redes sociais, mas a sensação de descanso vem do fato de lidar com assuntos que não estão relacionados com o trabalho. Menos quando surge um sem fim de notícias sobre política, isso é exaustivo, muito complexo e a sensação é de que não dá para acreditar em nada. 13:00: intervalo de almoço. Pega carteira e celular, e segue com alguns colegas de trabalho para um restaurante que eles costumam almoçar. O lugar é agradável, próximo ao trabalho e tem uma comida razoável. O almoço segue entre conversas reais e virtuais. De volta ao escritório às 14:00, segue entre planilhas, emails, videoconferências, ligações e mensagens até às 18:30. Pega a barca das 19:00 e durante o percurso põe o fone de ouvido e escolhe uma música para não ter que ouvir todo falatório da barca e segue imersa em seu celular respondendo mensagens, lendo os emails, dando uma olhada nas notícias...



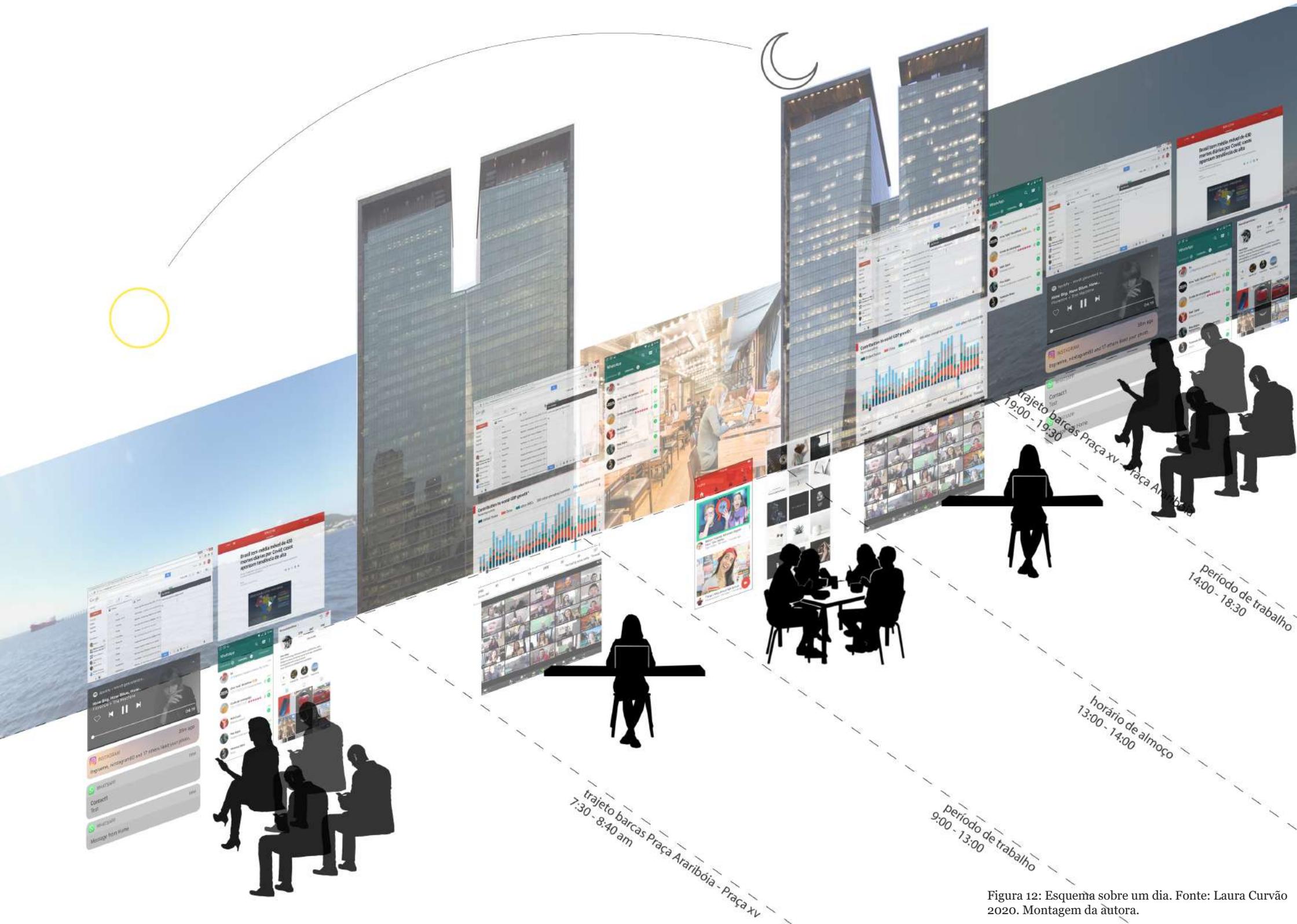


Figura 12: Esquema sobre um dia. Fonte: Laura Curvão 2020. Montagem da autora.

As narrativas aliadas às imagens permitem reflexões interessantes acerca da experiência urbana híbrida e hiperestimulante que se vivencia hoje, no entanto, elas se fragilizam enquanto imagem e acabam sendo restritas por estarem conectadas a um texto. Seus aspectos construtivos dão conta de mostrar certas características, mas limitam-se quando necessário aprofundar outros pontos importantes para discussão.

Ao planificar tempo em imagem foi possível destrinchar cada momento narrado e associá-lo às diferentes interfaces navegadas *online* e aos ambientes em que ocorriam. Visualmente, era possível ter clareza em como as interfaces digitais se sobrepunham à cidade e como esse conjunto, por sua vez, se consolidava enquanto natural da experiência urbana. A paisagem urbana agora é composta pelo fluxo imagético e suas dinâmicas se justapõem. E ainda é possível notar nesse contexto, certa acumulação imagética em que desejos são instaurados ao longo das navegações *online*.

Por outro lado, o suporte apresenta limites que dificultam a visualização de certas questões. Por exemplo, os hábitos hiperestimulantes que fazem parte do ser e estar urbano são apenas tangenciados pelas narrativas escritas e não são contemplados pelas imagens. As características imersivas e multissensoriais proporcionadas pelo fluxo imagético estão além do limite do suporte e por isso, discussões importantes como a sensação de realidade suspensa que se tem ao, simultaneamente, caminhar pela cidade e pelo ciberespaço, são deixadas de lado.

Nesse sentido, a ferramenta audiovisual surge como opção metodológica para explorar de forma imersiva e multissensorial as dinâmicas híbridas da experiência urbana contemporânea. A capacidade de implicar o espectador gera uma aproximação com a narrativa visual, ao mesmo tempo que o distancia ao levar ao extremo os hábitos e exibi-los de forma descontextualizada. Isto é, assistir em primeira pessoa ações hiperestimulantes que foram naturalizadas cria um distanciamento importante para refletir aspectos que normalmente passam despercebidos.

Em tempos de produção imagética massiva, estabelecer um ponto de partida torna-se um entrave. Quais imagens escolher?

Junto a isso, o fato do trabalho discutir questões que não estão ligadas a um lugar específico dificultou ainda mais o processo de escolha imagética. A sensação era de ser possível partir de qualquer lugar, qualquer imagem, qualquer objeto, qualquer relação. O que é um ponto interessante, análogo às experiências contemporâneas visto que o acúmulo imagético-informacional nos coloca sempre no meio de um complexo de informações, situações, imagens, tarefas.

Outro dificultador — e ao mesmo tempo potencializador, como comentarei mais adiante — do processo foi a pandemia de COVID-19 que restringiu deslocamentos pela cidade. Sendo assim, a opção de produzir minhas próprias imagens estava, a princípio, descartada. O que me mantinha no dilema de por onde começar dentro desse fluxo imagético absurdo.

Estar na rua me parecia essencial para produzir reflexões e imagens, mas sem essa possibilidade, como seria viável demonstrar que parte da experiência urbana também estava ali no ciberespaço? E indo além, como demonstrar dinâmicas de atravessamento e justaposição dessas duas instâncias?

Os hábitos naturalizados que banalizam as relações espaciais eram as principais inquietações para desenvolver o trabalho: a maneira como uma *selfie* desloca importância ao virtual por seu movimento corporal ser o de dar as costas ao lugar fotografado e o que importa é o seu reflexo no *smartphone*, a transformação da maioria das vivências em imagem, o andar distraído pela rua ao mexer no celular, o compartilhamento excessivo de informações pessoais em redes sociais e a imperceptível monetização desses movimentos *online* que retornam para serem consumidos das mais variadas formas.

Por isso, foi dado início a um acervo de vídeos das minhas próprias derivas *online* e foram coletadas gravações de tela de derivas de outras pessoas no intuito de minimamente mapear essas movimentações

online. No entanto, ainda era necessário a outra face das questões discutida: o espaço urbano. *Google Street View*, *Google Maps*, pesquisa por *tag* de localização em redes sociais, são inúmeras formas de perscrutar a cidade virtualmente, mas que possuem a dimensão imersiva frágil para condução dos experimentos idealizados pelo trabalho, já que seu ponto de vista é o da máquina e não do humano.

Nesse sentido, tomei conhecimento de uma categoria de vídeos que me pareceram importantes: vídeos turísticos filmados em primeira pessoa explorando cidades. No geral, eles pretendem passar a “real” experiência em tal cidade, como se você fosse um habitante local ou estivesse ali experimentando aqueles costumes e ambiência urbana.

Um adendo: tenho o hábito de derivar pelo *Google Maps* e *Street View*, geralmente, observando lugares aparentemente remotos, grandes centros urbanos, enfim, lugares que me despertam curiosidade e nesse momento do trabalho essa busca por um “lugar” se intensificou. Acredito que isso foi lido pelos algoritmos como um possível interesse em viagens e outras culturas, daí que a sugestão de vídeos turísticos surgiu no meu *feed* do *Youtube*.

Esses vídeos abriram possibilidade de discutir experiências urbanas “in loco”, além de evidenciarem, de certa maneira, como a cidade está disponível imageticamente *online*. Decidido o ponto de partida, o manuseio imagético seguiu rumo a exploração da experiência híbrida, os atravessamentos constantes entre demandas online e a vivência na cidade e como isso altera a percepção espacial ao corroer qualquer tipo de atenção plena.

O primeiro vídeo-experimento se dá a partir de trechos de um desses vídeos turísticos filmados no centro do Rio de Janeiro. O caminhar no centro da cidade com toda sua movimentação logo é atravessado pelo gesto de neutralização de tudo aquilo: ouvir música. Mas nem essa neutralização é possível já que notificações online rapidamente chegam interrompendo o som até que seja esquecido.

Esse primeiro experimento levou à percepção de que hoje praticamente qualquer lugar ou situação é plausível de se estar acompanhado de seu smartphone e navegando *online*, então desencadeando os processos dos demais experimentos. Passear com o cachorro, ir de encontro a alguém ou simplesmente o ato de olhar o céu são passíveis de atravessamentos virtuais, por isso nos experimentos que se seguiram senti a liberdade de fazer minhas próprias imagens e tirar proveito de situações ordinárias para desenvolver narrativas.

Há uma dimensão banal que carrega todo experimento e vem do esgarçamento dos hábitos hiperestimulantes que foram naturalizados. A transformação excessiva de tudo em imagem, a comunicação intensa, todo um conjunto absurdo de ações repetidas diariamente em inúmeros contextos que acabam por manter o híbrido em inércia.

O trabalho é um olhar sobre como o não construído afeta e molda a experiência do construído que no atual contexto ganha um teor distópico. Destrinchar hábitos tão enraizados é uma procura por alternativas em uma cidade e cotidiano banalizados por imagens.



C o n s i d e r a ç õ e s f i n a i s

A partir das discussões feitas até aqui, foi possível considerar aspectos inerentes à convivialidade urbana na contemporaneidade que estão entrelaçados aos dispositivos eletrônicos conectados à *internet*. Nesse contexto, o fluxo imagético incessante que consumimos molda desejos, interesses e opiniões até o limite do estreitamento do espectro comportamental e de outras formas de vida não mensuráveis aos parâmetros tecnológicos.

Essas reflexões revelam uma existência ilusória em que há uma sensação de autonomia vinda do fato de se estar alheio ao programa inscrito nos aparelhos. No atual contexto em que o tempo de instantaneidade da conexão dita o ritmo das relações, essas questões são cada vez menos percebidas apesar de configurarem uma lógica de funcionamento absurda que se abate sobre os sujeitos.

Dessa maneira, a condição de existência do híbrido de carne e conexão ganha uma camada distópica em que sua dependência dos dispositivos se configura como um impasse: ou vive-se inerte dentro das lógicas de dominação ou se é excluído de parte da convivência urbana. Retomando as ideias de Wisnik, temos a passividade como produto desse sistema que se mantém à base de produtividade constante (WISNIK, 2018, p. 75).

O trabalho pode ser lido, sobretudo, como um questionamento de hábitos que banalizam as relações socioespaciais e das ferramentas de manutenção de lógicas dominantes.

A relevância dos processos e experimentos aqui descritos para o campo da Arquitetura e Urbanismo está na observação de aspectos banais que constituem o cotidiano urbano, mas que são deixados de lado nas discussões apesar de atuarem sobre as conformações espaciais e de experiências urbanas.

É um trabalho que procura sensibilizar o olhar aos aspectos do não construído que ressoam no ambiente construído e assim, promover questionamentos que ampliem horizontes de debate e abordagem para o campo da arquitetura.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92p.

BEIGUELMAN, Giselle. In: Cyber-arte-cultura: a trama das redes. Fernando Pessoa (org.) Museu Vale Editora, 2013. 252p.

CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 144 p.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia. 1ª edição. São Paulo: É Realizações, 2018. 144 p.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. tradução Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. No enxame: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. Hiper-culturalidade: cultura e globalização. Tradução:

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. 248p.

VIEIRA, Tuca. Salto no escuro: leituras do espaço contemporâneo. 1ª edição. São Paulo: Editora Hedra / n-1 edições, 2020. 308p.

VIRILIO, Paul. O ESPAÇO Crítico: e as Perspectivas do Tempo Real. 1ª. edição. tradução Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: 34, 1993. 160 p.

WISNIK, Guilherme. Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 352 p.